



MUSEU VIVO DO BRINQUEDO POPULAR

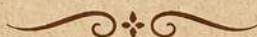


CADERNO FUNDADOR

.....



CHRISTIANNE ROTHIER DUARTE



• EDIÇÃO FUNDADORA •

MUSEU VIVO DO BRINQUEDO POPULAR

CADERNO FUNDADOR

Christianne Rothier Duarte

Edição Fundadora

MUSEU VIVO DO BRINQUEDO POPULAR
CADERNO FUNDADOR

O que mais existe aqui?

Os objetos mudam de mãos.

Os gestos continuam viagem.

AO VISITANTE

Há pessoas que colecionam objetos.

Outras colecionam histórias.

Ao longo da vida, descobri que as duas coisas quase nunca se separam.

Um brinquedo popular nunca chega sozinho. Traz consigo as mãos que o construíram, a paisagem onde nasceu, a matéria que lhe deu forma, a criança que um dia o fez girar, voar ou cantar. Carrega também perguntas. Algumas muito antigas. Outras ainda esperando quem as faça pela primeira vez.

Durante muitos anos pensei que estivesse apenas reunindo uma coleção.

Hoje compreendo que estava aprendendo um modo de olhar.

Este livro nasceu dessa aprendizagem.

Ele não pretende contar a história de um museu.

Nem registrar uma trajetória pessoal.

Muito menos ensinar a construir brinquedos.

Seu convite é mais simples.

Gostaria apenas de caminhar ao seu lado por algum tempo...

Abrir algumas pequenas caixas,

Contar as histórias que elas guardam.

Observar como certos objetos, aparentemente comuns, são capazes de revelar mundos inteiros.

Talvez, ao longo dessa caminhada, você descubra que também guarda pequenas coleções.

Não apenas nas estantes, mas na memória. Uma pedra recolhida numa viagem. Uma colher de pau herdada da avó. Um canivete antigo. Um brinquedo da infância. Um pedaço de

madeira que ninguém mais notaria.

Se isso acontecer, este livro já terá encontrado sua razão de existir.

Porque um museu verdadeiramente vivo não começa quando atravessamos sua porta.

Começa quando passamos a olhar o mundo de outra maneira.

Seja bem-vindo!

A casa está aberta.

PRÓLOGO

A Comitiva Invisível

Ninguém chega sozinho.

Levei muitos anos para compreender isso.

Durante boa parte da vida imaginei que meus caminhos fossem feitos apenas das escolhas que eu mesma havia realizado. Hoje, quando volto o olhar para trás, encontro outra paisagem.

Vejo pessoas.

Algumas permaneceram por décadas.

Outras cruzaram meu caminho apenas uma vez.

Houve quem me entregasse um livro.

Quem me mostrasse o céu.

Quem abrisse uma oficina.

Quem me desafiasse a escrever.

Quem me ensinasse a observar uma folha, uma pedra ou um brinquedo com um pouco mais de demora.

Nenhuma dessas pessoas poderia imaginar o alcance de seus próprios gestos.

Talvez nem eu pudesse.

Quando tinha sete anos, minha avó colocou em minhas mãos uma pequena caixa de escritora.

Naquele instante recebi papéis, envelopes e lápis.

Hoje sei que recebi outra coisa.

Recebi confiança.

Ela nunca me disse que eu deveria escrever.

Também nunca perguntou se eu seria capaz.

Apenas tornou essa possibilidade parte do meu mundo.

Muitos anos depois compreendi que existem presentes que não oferecem respostas.

Oferecem futuros.

Pouco tempo depois comecei a guardar pequenos tesouros no alto de um guarda-roupa.

Selos.

Moedas.

Lápis de propaganda.

Chaveiros.

Caixinhas de música.

Passava horas retirando tudo, reorganizando, procurando novas vizinhanças entre objetos

que, aos olhos de qualquer outra pessoa, talvez nada tivessem em comum.

Naquela época eu acreditava estar apenas brincando.

Hoje penso que estava aprendendo uma linguagem.

Sem perceber, fazia perguntas.

De onde veio?

Quem fez?

Por onde passou?

O que aproxima esta peça daquela outra?

As respostas quase nunca apareciam.

Mas as perguntas permaneciam.

Talvez tenha sido ali que meu museu começou.

Não como instituição.

Nem como projeto.

Mas como um modo de habitar o mundo.

Os anos passaram.

As coleções cresceram.

Vieram os brinquedos populares.

As viagens.

Os artesãos.

As oficinas.

As crianças.

Os professores.

Os livros.

As amizades.

Cada encontro acrescentava uma nova camada de sentido àquilo que, pouco a pouco, deixava de ser apenas um conjunto de objetos.

Minha casa começou a mudar.

Não porque se enchesse de coisas.

Mas porque as coisas começaram a conversar entre si.

Muitas pessoas, ao atravessarem sua porta pela primeira vez, costumam dizer:

— Sua casa parece um museu.

Sempre sorrio.

Durante muito tempo pensei que se referissem às coleções.

Hoje acredito que percebiam algo mais difícil de nomear.

Percebiam que ali os objetos continuavam vivos.

Um brinquedo dialogava com um livro.
Um leque aproximava-se de um canivete.
Uma caixa de música encontrava um pião.
Nada permanecia isolado.
Tudo fazia parte de uma mesma conversa.
Foi somente muitos anos depois que compreendi a verdadeira natureza dessa casa.
Ela nunca foi construída para guardar objetos.
Foi construída para acolher relações.
Entre pessoas.
Entre materiais.
Entre tempos.
Entre modos de fazer.
Entre perguntas.
Compreendi também que ninguém possui verdadeiramente aquilo que guarda.
Os objetos mudam de mãos.
As histórias encontram novos narradores.
Os saberes procuram novos aprendizes.
Talvez nossa tarefa seja apenas cuidar deles durante um trecho da viagem.
Essa descoberta transformou profundamente meu modo de compreender um museu.
Passei a vê-lo não como um lugar onde as coisas terminam seu percurso, mas como um lugar onde continuam viagem.
Um lugar onde uma pergunta pode atravessar gerações.
Onde um gesto encontra novas mãos.
Onde uma criança, um educador, um pesquisador, um artesão ou um visitante comum

podem reconhecer que também fazem parte dessa grande corrente humana.

Ao longo das próximas páginas, muitos companheiros de caminhada aparecerão discretamente.

Uma professora que acreditou na escrita de uma adolescente antes que ela própria acreditasse.

Um artesão que ensinou mais com suas mãos do que com suas palavras.

Autores que ampliaram meu modo de olhar.

Crianças que transformaram oficinas em laboratórios de descoberta.

Nenhum deles ocupa este livro por acaso.

Todos fazem parte da comitiva invisível que me trouxe até aqui.

Se este Caderno Fundador possui uma origem, ela não está apenas na casa que hoje abriga o Museu Vivo.

Está nessas pessoas.

Nos gestos que me confiaram.

E na responsabilidade de permitir que esses mesmos gestos não terminem em mim.

É por isso que este livro existe.

Não para registrar um passado.

Mas para abrir caminho ao futuro de uma conversa que começou muito antes de mim e que, espero, continue muito depois.

PRIMEIRO MOVIMENTO

Aprender a olhar

Não me lembro do primeiro objeto que guardei.

Talvez tenha sido uma concha recolhida numa praia. Talvez uma pedra de forma incomum.

Talvez um lápis de propaganda recebido numa loja qualquer. A memória raramente respeita a ordem dos acontecimentos. Ela prefere conservar aquilo que continua vivo.

O que recordo com nitidez é outra coisa.

Lembro-me do prazer de organizar.

Ainda menina, descobri um espaço quase secreto no alto de um guarda-roupa. Era ali que escondia meus pequenos tesouros. Selos. Moedas. Chaveiros. Lápis de propaganda.

Caixinhas de música. Cada nova peça precisava encontrar seu lugar sem expulsar as demais.

Eu retirava tudo, experimentava novas vizinhanças, aproximava objetos improváveis, mudava pequenas distâncias, recomeçava inúmeras vezes.

Nunca tive a sensação de estar arrumando uma coleção.

Sentia que estava ouvindo uma conversa.

Naquele tempo eu ainda não possuía palavras para explicar isso.

Hoje penso que os objetos começavam a revelar uma qualidade que continua me fascinando: nenhum deles existe sozinho.

Uma moeda fala de um tempo.

Um selo percorreu distâncias que já não conseguimos imaginar.

Um lápis de propaganda guarda a memória de um comércio, de um desenho gráfico, de um modo de anunciar.

Uma pequena caixa de música contém não apenas sua melodia, mas o trabalho de quem a

projetou, a fabricou, a embalou, a transportou e, um dia, decidiu oferecê-la a outra pessoa.

Os objetos pareciam discretamente povoados.

Havia sempre alguém vivendo dentro deles.

Foi talvez essa a primeira grande descoberta da minha infância.

As coisas nunca estavam sozinhas.

Ao longo dos anos outras coleções chegaram.

Algumas iniciadas por pessoas da família.

Outras recebidas de amigos.

Pouco a pouco compreendi que aqueles presentes carregavam algo muito maior do que seu valor material.

Quem entrega uma coleção entrega também uma confiança.

É como se dissesse:

"Acredito que você cuidará daquilo que foi importante para mim."

Recebi esse gesto muitas vezes.

E, sem perceber, comecei a compreender que ninguém possui verdadeiramente aquilo que guarda.

Os objetos apenas repousam conosco durante algum tempo.

Depois continuam viagem.

Mudam de mãos.

Encontram novas histórias.

Ganham outros olhares.

Essa percepção modificou profundamente minha maneira de colecionar.

Já não me interessava reunir coisas.

Interessava-me cuidar de uma travessia.

Com o tempo vieram também os brinquedos populares.

Cada um parecia carregar um pequeno território.

Havia brinquedos feitos de madeira, barro, fibras, tecido, lata, sementes.

Alguns giravam.

Outros voavam.

Outros produziam sons.

Outros se moviam apenas pela delicadeza de um fio ou pela habilidade de quem brincava.

Nunca consegui observá-los apenas como objetos.

Via neles soluções.

Hipóteses.

Invenções.

Saberes transmitidos de geração em geração.

Via também uma extraordinária economia de meios.

Com muito pouco, produziam encantamento.

Walter Benjamin escreveu que nada é mais adequado à criança do que reunir, em suas construções, os materiais mais heterogêneos. Um pedaço de madeira, uma pinha, uma pedra, um retalho contêm uma exuberância de formas possíveis.

Sempre gostei dessa imagem.

Ela nos lembra que a riqueza não depende da quantidade de matéria.

Depende da liberdade do olhar.

Uma criança encontra possibilidades onde muitos adultos enxergam apenas restos.

Talvez seja essa uma das formas mais profundas da inteligência.

Durante muito tempo pensei que aprender fosse acrescentar conhecimentos.

Hoje acredito que aprender também é retirar distrações.

É voltar a perceber aquilo que sempre estive diante de nós.

Uma folha caída.

Uma semente.

Um graveto.

Uma pedra.

Uma colher de pau.

Todos carregam histórias invisíveis.

Não porque sejam extraordinários.

Mas porque o mundo inteiro participa discretamente de sua existência.

Foi assim que compreendi outra coisa.

Os objetos não são o centro desta história.

O centro é o olhar.

Um mesmo brinquedo pode ser visto como lembrança, como obra de arte, como experiência física, como documento antropológico, como desafio construtivo ou como poesia.

Nada mudou no brinquedo.

Mudou apenas a pergunta de quem o observa.

Talvez seja essa a verdadeira função de um museu.

Não ensinar o que devemos ver.

Mas ampliar aquilo que somos capazes de perceber.

Hoje, quando caminho pela casa que abriga o Museu Vivo, reconheço muitos daqueles primeiros gestos.

Ainda reorganizo objetos.

Ainda descubro novas conversas entre eles.

Ainda me surpreendo quando um brinquedo encontra um livro, quando uma fotografia aproxima-se de uma ferramenta, quando um pequeno pião parece dialogar silenciosamente com uma folha seca que gira levada pelo vento.

Percebo então que aquele espaço secreto do guarda-roupa nunca desapareceu.

Apenas cresceu.

Transformou-se numa casa.

E a casa, pouco a pouco, encontrou a forma de um museu.

Mas isso eu só compreenderia muito mais tarde.

Naquele tempo havia apenas uma menina.

E sua imensa curiosidade diante das coisas aparentemente comuns.

Muitos anos depois, ao iniciar o processo de institucionalização do Museu Vivo, descobri que os formulários insistiam em fazer uma pergunta aparentemente simples: “Que tipo de museu é este?” Museu-casa? Museu virtual? Ecomuseu? Museu de território?

Percebi então que nenhuma dessas categorias era suficiente para descrever aquilo que vinha sendo construído ao longo de tantos anos.

Os formulários pedem categorias. A vida pede conexões.

Talvez essa tenha sido uma das descobertas mais importantes desse percurso. O que dava unidade ao Museu Vivo nunca foi uma tipologia museológica, mas a rede de relações entre pessoas, objetos, saberes, lugares, memórias e perguntas.

SEGUNDO MOVIMENTO

Pensar com as mãos

Muito antes de imaginar um museu, descobri o prazer de abrir um baú.

Ele ocupava um canto da sala, numa Biblioteca Infantil, no Centro do Rio de Janeiro, onde estava iniciando uma Oficina de Brinquedos de Sucata.

Grande, pesado, marcado pelo tempo.

Por fora parecia guardar apenas materiais.

Por dentro escondia possibilidades.

Ali conviviam pedaços de bambu, tampinhas, sementes, rolhas, retalhos, barbantes, caixas de papelão, gravetos, fios, embalagens e pequenas sobras de um mundo que muita gente considerava encerrado.

Esperávamos que todos chegassem.

Só então o baú era aberto.

Nunca havia pressa.

O primeiro gesto não era escolher um material.

Era olhar.

Espalhávamos tudo pelo chão.

De repente, a sala mudava.

O que antes parecia um conjunto de objetos sem importância transformava-se numa paisagem de possibilidades.

As crianças se aproximavam em silêncio.

Algumas tocavam cada peça demoradamente.

Outras apenas observavam.

Havia quem começasse imediatamente a imaginar.

Havia quem preferisse esperar.

Nunca distribuí modelos.

Nunca disse exatamente o que deveria ser feito.

As perguntas vinham antes.

"O que você vê?"

"Com o que isso se parece?"

"O que aconteceria se estas duas peças se encontrassem?"

Percebi, muito cedo, que as boas oficinas não começam oferecendo respostas.

Começam oferecendo tempo.

Durante anos disseram que aquelas oficinas ensinavam reciclagem.

Sempre achei essa palavra pequena demais.

É verdade que muitos materiais eram reaproveitados.

Mas isso nunca foi o essencial.

O que realmente acontecia ali era outra transformação.

As coisas recuperavam futuros.

Uma caixa deixava de ser embalagem.

Uma tampa tornava-se roda.

Um graveto descobria que podia navegar.

Uma semente passava a girar.

O material permanecia o mesmo.

Quem mudava era o olhar.

Certa vez observei minha filha ainda muito pequena em seu berço.

Pacientemente, ela deixava um objeto cair.

Eu o recolhia e devolvia.

Logo vinha outro.

Alguns quicavam.

Outros produziam um som seco ao tocar o chão.

Havia os que rolavam para longe.

Ela observava atentamente cada resultado.

Depois repetia o gesto.

No início pensei que estivesse apenas brincando.

Depois, que assistia ao nascimento de uma investigação.

As crianças primeiro descobrem os fenômenos.

Só muito mais tarde aprendem os nomes que damos a eles.

Borboletas voam.

Pratos não.

Entre uma constatação e outra existe uma longa conversa com o mundo.

Foi convivendo com crianças que compreendi uma afinidade profunda entre brincar e fazer ciência.

Ambos começam com uma pergunta.

"E se...?"

E se esta roda fosse maior?

E se o eixo fosse mais fino?

E se o barbante fosse mais comprido?

E se o peso mudasse de lugar?

Nenhuma dessas perguntas nasce de um livro de Física.

Nasce do desejo de fazer um brinquedo funcionar.

A teoria chega depois.

Primeiro vem a experiência.

Carl Sagan observou que muitos dos pensadores da antiga Jônia eram filhos de marinheiros, agricultores, tecelões e artesãos. Pessoas acostumadas a experimentar, escolher, construir e corrigir o próprio trabalho.

Sempre retorno a essa imagem.

Ela aproxima a inteligência das mãos.

Lembra-nos que pensar não acontece apenas diante de uma mesa.

Também acontece diante de um pedaço de madeira.

De um bambu.

De um pião.

De uma roda que insiste em não girar.

Ao longo dos anos compreendi que meu trabalho nunca foi ensinar alguém a construir brinquedos.

Meu trabalho era outro.

Criar um ambiente onde a curiosidade pudesse respirar.

Permanecer suficientemente próxima para que cada pessoa descobrisse sua própria solução.

Às vezes bastava uma pergunta.

Outras vezes um silêncio.

Outras, apenas a certeza de que alguém acreditava naquela tentativa.

Talvez ensinar seja exatamente isso.

Emprestar confiança enquanto o outro encontra o próprio caminho.

Quando uma oficina terminava, os brinquedos iam embora.

As perguntas permaneciam.

Sempre gostei de imaginar que elas continuavam viajando dentro das mochilas, das casas, das escolas e das lembranças de cada participante.

Talvez esse tenha sido, desde o início, o verdadeiro trabalho do Museu Vivo.

Não produzir objetos.

Mas colocar perguntas em circulação.

Porque perguntas, ao contrário das respostas, continuam crescendo quando encontram novas mãos.

TERCEIRO MOVIMENTO

Transformar matéria em significado

Durante muito tempo pensei que colecionava brinquedos.

Hoje acredito que colecionava perguntas.

Os brinquedos apenas me conduziam até elas.

Nunca consegui olhar demoradamente para um objeto sem imaginar o caminho que percorreu até chegar às minhas mãos.

Um pião nunca começava na madeira.

Começava muito antes.

Na árvore.

Na terra.

Na chuva.

No tempo lento de um crescimento que ninguém apressa.

Depois vinham as mãos que escolheram aquele pedaço entre tantos outros. As ferramentas.

A oficina. A experiência acumulada ao longo de muitos anos. O olhar do artesão procurando um equilíbrio quase invisível. A lixa. O cordão. A tinta, quando existia. A feira onde seria vendido. A criança que o faria girar pela primeira vez.

O objeto que vemos é apenas a parte visível de uma história muito maior.

Durante anos essa percepção me acompanhou sem que eu soubesse como nomeá-la.

Até encontrar, nas palavras do monge vietnamita Thích Nhất Hạnh, uma imagem que permaneceu comigo para sempre.

Ao observar uma simples folha de papel, ele nos convida a perceber nela a presença de uma

nuvem.

Sem a nuvem não haveria chuva.

Sem chuva não haveria árvore.

Sem árvore não haveria papel.

Mas também estão presentes o lenhador, a estrada, o caminhão, a fábrica, a energia que movimentou as máquinas, as mãos que prepararam a polpa, quem embalou as folhas e, talvez, alguém que um dia escreverá sobre elas uma carta, um desenho ou um poema.

Desde então nunca mais consegui olhar para um objeto da mesma maneira.

Com o tempo compreendi que todo brinquedo possui um lado visível e outro invisível.

O visível pode ser fotografado.

Catalogado.

Medido.

Exposto.

Mas existe outro brinquedo.

Aquele que nenhuma vitrine consegue conter.

A árvore.

A fibra.

O barro.

O bambu.

As ferramentas.

O mestre.

O aprendiz.

A oficina.

A feira.

A brincadeira.

O riso.

As marcas de uso.

A memória.

Passei a chamá-lo, silenciosamente, de o não brinquedo.

Não porque não exista.

Mas porque quase sempre deixamos de percebê-lo.

Talvez ele seja a parte mais importante de toda a história.

Um dia percebi que o mesmo acontecia com uma simples caneca.

Ela repousava sobre a mesa como se estivesse imóvel.

Bastava, porém, observá-la um pouco mais demoradamente para que começasse a se mover.

O barro voltava a ser terra.

O fogo reacendia.

As mãos do oleiro reapareciam.

A água regressava ao rio.

As estradas voltavam a ser percorridas.

Percebi então que os objetos nunca permanecem parados.

Somos nós que interrompemos a viagem.

Talvez seja por isso que sempre tive dificuldade em separar arte, ciência, natureza e cultura.

Nunca me pareceram territórios distintos.

O artesão observa a matéria com a mesma atenção com que um cientista observa um

fenômeno.

A criança experimenta soluções com a mesma liberdade com que um pesquisador formula hipóteses.

O artista aproxima elementos aparentemente distantes.

O poeta percebe relações invisíveis.

Cada um utiliza uma linguagem diferente.

Mas todos fazem, no fundo, a mesma pergunta.

O que mais existe aqui?

Essa talvez seja uma das perguntas mais importantes que podemos aprender.

Porque ela nos impede de aceitar o mundo apenas como aparência.

Às vezes imagino um naufrago chegando sozinho a uma ilha.

Não possui ferramentas.

Não possui casa.

Não possui objetos.

Existem apenas folhas.

Galhos.

Pedras.

Fibras.

Sua sobrevivência dependerá menos da quantidade de recursos disponíveis do que da qualidade de seu olhar.

Um galho deixa de ser galho.

Torna-se alavanca.

Abrigo.

Mastro.

Arco.

Ferramenta.

A matéria permanece a mesma.

O que muda é a imaginação.

Talvez todas as invenções humanas tenham começado exatamente assim.

Quando alguém percebeu que as coisas podiam tornar-se outras sem deixar de ser aquilo que eram.

Às vezes perguntam por que um brinquedo popular merece estar num museu.

Penso que a pergunta poderia ser outra.

Como um objeto capaz de reunir natureza, técnica, imaginação, ciência, arte, memória e brincadeira poderia ficar fora dele?

O brinquedo popular nunca foi apenas um brinquedo.

Sempre foi um pequeno retrato da extraordinária capacidade humana de transformar matéria em significado.

Hoje acredito que preservar um objeto não basta.

É preciso preservar também as relações que lhe dão sentido.

Quando desaparece uma técnica.

Quando um modo de brincar deixa de ser transmitido.

Quando um mestre parte sem deixar aprendizes.

Quando esquecemos de perguntar de onde veio a matéria ou quem lhe deu forma.

Alguma coisa se rompe.

O objeto permanece.

Mas sua conversa torna-se cada vez mais silenciosa.

Talvez preservar seja exatamente isto.

Criar condições para que essa conversa continue.

QUARTO MOVIMENTO

Emprestar confiança

Ao olhar para trás, percebo que as mudanças mais importantes da minha vida quase nunca começaram com grandes acontecimentos.

Começaram com pequenos gestos.

Alguém que abriu uma porta.

Alguém que fez uma pergunta.

Alguém que acreditou em alguma coisa antes mesmo que ela existisse.

Hoje penso que existe uma forma muito discreta de generosidade.

Ela não consiste em oferecer respostas.

Consiste em emprestar confiança.

Quando minha avó colocou em minhas mãos a pequena caixa de escritora, eu tinha apenas sete anos.

Durante muito tempo pensei naquele presente como uma delicadeza.

Hoje vejo outra coisa.

Ela não me entregava apenas papéis, envelopes e lápis.

Entregava uma possibilidade.

Sem jamais dizer uma palavra sobre meu futuro, permitia que a escrita passasse a habitar o horizonte da minha infância.

Alguns presentes continuam sendo desembulhados durante toda a vida.

Anos mais tarde encontrei outra pessoa capaz do mesmo gesto.

Chamava-se Francisca Nóbrega.

Era professora de Literatura no Colégio de Aplicação da UFRJ.

Sem que eu soubesse, inscreveu um poema meu num concurso da escola.

Ganhei livros.

Mas o prêmio verdadeiro foi outro.

Descobri que alguém acreditava na minha escrita antes que eu mesma fosse capaz de acreditar.

Existe uma força muito especial em ser visto por alguém.

Às vezes uma única pessoa altera discretamente o rumo de uma existência.

Ao longo da vida encontrei muitos mestres.

Alguns ensinavam em salas de aula.

Outros trabalhavam em oficinas.

Houve pesquisadores, artistas, artesãos, colegas de caminhada e, muitas vezes, crianças.

Cada encontro acrescentava alguma coisa ao meu modo de olhar.

Nenhum deles tentou construir meu caminho por mim.

Mostravam uma direção.

Depois caminhavam ao lado por algum tempo.

Esse talvez seja o gesto mais delicado da educação.

Permanecer suficientemente perto para oferecer segurança.

Suficientemente longe para preservar a liberdade.

Muito tempo depois percebi que era exatamente assim que eu também conduzia minhas oficinas.

Quando uma criança dizia:

— Não consigo.

Meu primeiro impulso nunca era resolver o problema.

Era permanecer.

Às vezes bastava uma pergunta.

Outras vezes um silêncio.

Outras, apenas um sorriso.

A descoberta precisava continuar pertencendo a quem a realizava.

Nenhuma aprendizagem profunda suporta ser substituída.

Ela precisa ser vivida.

Com o passar dos anos compreendi que meu trabalho nunca foi ensinar brinquedos.

Nem ensinar arte.

Nem ensinar ciência.

Meu trabalho sempre foi acompanhar descobertas.

Criar um ambiente onde alguém pudesse experimentar sem medo de errar.

Onde uma hipótese tivesse tempo para amadurecer.

Onde uma solução simples fosse celebrada com a mesma alegria de uma grande invenção.

Talvez educar seja exatamente isso.

Caminhar de mãos dadas durante um trecho do caminho.

Até que, um dia, percebamos com alegria que aquela mão já não precisa da nossa para seguir adiante.

Hoje penso que um museu também pode exercer esse papel.

Não existe para dizer ao visitante o que deve pensar.

Existe para ampliar sua capacidade de perguntar.

Para oferecer encontros.

Para despertar curiosidades.

Para aproximar pessoas de saberes que talvez jamais encontrassem sozinhas.

Quando alguém sai de um museu olhando o mundo de maneira diferente, alguma coisa importante aconteceu.

Não levou apenas informações.

Levou consigo um novo modo de habitar a realidade.

Às vezes me perguntam o que desejo que alguém encontre ao visitar o Museu Vivo.

Poderia responder que encontrará brinquedos.

Livros.

Oficinas.

Artesãos.

Coleções.

Tudo isso é verdadeiro.

Mas ainda seria pouco.

O que realmente espero é que cada visitante saia dali sentindo-se autorizado a experimentar.

A construir.

A observar demoradamente.

A fazer perguntas.

A criar cultura.

Talvez esse seja o maior presente que um educador possa oferecer.

Não respostas.

Mas confiança.

Confiança suficiente para que cada pessoa descubra que também é capaz de transformar o mundo, começando pelas coisas aparentemente pequenas.

QUINTO MOVIMENTO

As forças invisíveis

Que força faz um pião girar?

A Física responde com admirável precisão.

Fala do impulso inicial, do momento angular, do atrito, da distribuição do peso, do delicado equilíbrio que sustenta o movimento até que ele, lentamente, encontre o repouso.

Tudo isso é verdadeiro.

Mas, sempre que observo um pião girando, outra pergunta me acompanha.

Quem foi a primeira pessoa que desejou fazê-lo girar?

Antes da explicação houve um encantamento.

Antes da teoria houve uma curiosidade.

Antes da resposta houve alguém disposto a experimentar.

Talvez toda descoberta humana comece exatamente assim.

Gosto de imaginar alguém observando um redemoinho desenhar espirais sobre a água de um rio.

Ou acompanhando o vento levantar folhas secas e pequenos gravetos.

Ou vendo uma semente desprender-se da árvore e rodopiar lentamente até tocar o chão.

Ou ainda uma roda de ciranda desenhando círculos na areia enquanto, logo adiante, o mar repete silenciosamente o mesmo movimento.

A natureza gira.

As crianças observam.

Um dia alguém inventa um pião.

Não para copiar a natureza.

Mas para continuar conversando com ela.

Talvez todos os brinquedos populares tenham nascido desse mesmo impulso.

A pipa prolonga a conversa com o vento.

O cata-vento torna visível aquilo que normalmente não enxergamos.

A peteca desafia a gravidade por alguns instantes.

O carrinho transforma o chão em estrada.

O brinquedo nunca tenta dominar a natureza.

Ele procura compreendê-la brincando.

Ao longo da vida ouvi muitas vezes que brincar é uma atividade leve.

Sempre concordei.

Mas nunca confundi leveza com superficialidade.

Existe uma inteligência muito particular no brincar.

Ela não nasce da obrigação.

Nasce do desejo.

É o desejo que faz uma criança repetir cem vezes o mesmo gesto até compreender por que uma roda gira melhor que outra.

É o desejo que leva um artesão a experimentar uma nova solução.

É o desejo que conduz um cientista a formular outra hipótese.

Talvez a curiosidade seja uma das formas mais delicadas do amor.

Amor pelo mundo.

Porque só pergunta quem acredita que vale a pena compreender.

Carl Sagan observou que muitos dos primeiros pensadores da antiga Jônia eram filhos de marinheiros, agricultores, artesãos e tecelões. Gente acostumada a trabalhar com as mãos, a experimentar, a corrigir os próprios erros.

Essa imagem sempre me acompanhou.

Ela aproxima o pensamento da matéria.

Lembra-nos que o conhecimento não nasce apenas nas bibliotecas.

Também nasce nas oficinas.

Nos quintais.

Nos barcos.

Nas cozinhas.

Em qualquer lugar onde alguém observe atentamente um fenômeno e decida não aceitar a primeira resposta.

Talvez a ciência tenha começado muito antes de receber esse nome.

Começou quando alguém confiou mais na experiência do que na superstição.

A cena da minha filha jogando as coisas no chão nunca deixou minha memória.

Em seu “posto de observação”, ela observava com absoluta atenção.

Hoje imagino que assistia à construção de uma das primeiras certezas sobre o mundo.

As crianças primeiro descobrem regularidades.

Só depois aprendem as palavras que as descrevem.

Essa diferença, tão evidente para um adulto, um dia precisou ser construída pacientemente, objeto após objeto.

Observando crianças percebi que
Meu trabalho sempre foi proteger a curiosidade.
Criar um lugar onde ela pudesse crescer sem medo.
Onde errar não fosse fracasso.
Fosse apenas mais uma etapa da investigação.
Talvez seja essa a verdadeira missão de um museu.
Não conservar certezas.
Mas preservar perguntas.

Hoje acredito que as maiores forças do mundo dificilmente aparecem nas fotografias.
A curiosidade.
O afeto.
A confiança.
A imaginação.
A alegria de descobrir.
Nenhuma delas pode ser colocada numa vitrine.
E, no entanto, todas deixam vestígios.
Em cada brinquedo.
Em cada oficina.
Em cada professor.
Em cada artesão.
Em cada criança que, pela primeira vez, olha para uma folha girando ao vento e decide acompanhá-la com os olhos até o chão.
Talvez seja isso que um Museu Vivo realmente coleciona.

Não apenas objetos.

Mas as forças invisíveis que continuam movendo o mundo.

SEXTO MOVIMENTO

O Museu Vivo

Durante muito tempo pensei que um museu fosse um lugar.

Hoje acredito que ele é, antes de tudo, uma forma de relação.

Uma maneira de reunir pessoas, objetos, saberes e perguntas para que continuem produzindo sentido.

Meu museu nunca começou quando organizei uma coleção.

Nem quando imaginei uma plataforma digital.

Nem quando decidi escrever este Caderno.

Ele começou muito antes.

Talvez quando uma menina passou horas reorganizando seus pequenos tesouros num guarda-roupa.

Talvez quando descobriu que abrir uma caixinha para alguém querido era tão prazeroso quanto guardá-la.

Talvez quando compreendeu que os objetos nunca chegam sozinhos.

Chegam acompanhados de uma multidão invisível.

Hoje esse museu possui um endereço.

Chama-se Ateliê Aroeira.

É minha casa.

Mas também é uma oficina.

Uma biblioteca.

Um jardim.

Um observatório.

Um lugar onde o céu, o tempo, os materiais e as histórias continuam conversando.

Quem atravessa sua porta encontra brinquedos.

Livros.

Ferramentas.

Coleções.

Mas encontra, sobretudo, perguntas.

Porque nenhum objeto permanece ali para ser admirado em silêncio.

Cada um convida a outra conversa.

Imagino que cada visitante possa escolher seu próprio caminho.

Alguns começarão pelos brinquedos brasileiros.

Outros pelos brinquedos de diferentes partes do mundo.

Haverá quem prefira acompanhar apenas aquilo que gira.

Ou aquilo que voa.

Ou aquilo que produz sons.

Alguns seguirão a trilha da madeira.

Outros do barro.

Das fibras.

Da lata.

Do tecido.

Nenhum percurso será obrigatório.

Porque um museu vivo não oferece um único caminho.

Oferece muitos.

Como uma floresta.

Cada visitante percorre a sua.

Ao lado de cada brinquedo viverá também aquilo que aprendi a chamar de o não brinquedo.

A matéria de que nasceu.

Os modos de fazer.

As ferramentas.

Os gestos.

Os saberes.

Os territórios.

Os artesãos.

As festas.

As brincadeiras.

As histórias.

Tudo aquilo que normalmente permanece fora da vitrine.

Mas que, na verdade, constitui a maior parte do patrimônio.

Alguns visitantes desejarão compreender como um brinquedo funciona.

Outros perguntarão por que ele gira.

Flutua.

Voa.

Produz sons.

Essas perguntas encontrarão espaço.

A Física, a Biologia, a História, a Antropologia, a Arte e a Filosofia terão muito a dizer.

Mas nenhuma delas ocupará o lugar da curiosidade.

Elas entrarão na conversa como companheiras de viagem.

Nunca como ponto final.

As oficinas continuarão acontecendo.

Não para formar artesãos.

Nem cientistas.

Nem artistas.

Embora possam despertar um pouco de tudo isso.

Continuarão existindo porque fazer continua sendo uma das maneiras mais profundas de pensar.

Quem constrói um brinquedo constrói também uma hipótese.

Quem experimenta uma solução aprende a observar.

Quem brinca descobre relações que dificilmente seriam aprendidas apenas ouvindo explicações.

Ao longo do tempo nasceu também uma biblioteca.

Ela reúne livros.

Mas reúne sobretudo interlocutores.

Poetas.

Educadores.

Pesquisadores.

Filósofos.

Inventores.

Artistas.

Todos ampliaram meu modo de olhar.

Gostaria que continuassem ampliando o olhar de quem vier depois.

Nenhum museu cresce sozinho.

Ele cresce pelas conversas que aprende a sustentar.

Nem todas as pessoas poderão visitar o Ateliê Aroeira.

Foi então que compreendi que o museu precisava aprender outra linguagem.

A linguagem do mundo digital.

Não para substituir a experiência presencial.

Mas para prolongá-la.

Imagino uma plataforma onde cada brinquedo possa ser observado demoradamente.

Onde um professor encontre referências para sua escola.

Onde um pesquisador descubra um artesão.

Onde uma criança possa construir um brinquedo em sua própria casa.

Onde famílias reencontrem maneiras de brincar.

Onde pessoas de qualquer lugar do mundo possam participar dessa conversa.

Muito antes da criação formal do Museu Vivo, parte significativa desse trabalho já encontrava uma forma de existir no ambiente digital.

A Galeria de Brinquedos Populares, desenvolvida artesanalmente em HTML, reunia fotografias do acervo, galerias temáticas, informações sobre a procedência das peças, textos curatoriais, registros de oficinas, referências bibliográficas e uma estrutura de navegação construída especialmente para esse universo.

Durante muitos anos imaginei que esse trabalho estivesse perdido. Apenas recentemente, ao recuperar antigos arquivos preservados em DVD, reencontrei essa galeria quase intacta.

Compreendi então que não se tratava apenas de um antigo site.

Tratava-se de um documento fundador da memória digital do Museu Vivo.

Hoje esse patrimônio encontra-se em processo de recuperação e integração à plataforma do museu. Mais do que reconstruir um ambiente digital, trata-se de reconhecer que essa conversa já havia começado muito antes de receber o nome de Museu Vivo.

Essa Plataforma existiu na web como a Galeria de Brinquedos Populares, um site no IG, que com a mudança de tecnologia, saiu do ar. Mas o desejo de reconstruí-la permanece, agora ampliado.

Costuma-se dizer que um museu preserva o passado.

Talvez.

Mas gosto de pensar que um Museu Vivo faz um pouco mais.

Ele inventa futuros.

Cada criança que descobre um novo modo de brincar.

Cada professor que decide experimentar outra forma de ensinar.

Cada artesão que encontra reconhecimento para seu saber.

Cada visitante que passa a olhar demoradamente um objeto comum.

Tudo isso também passa a fazer parte do acervo.

Se hoje alguém me perguntasse qual é a coleção mais importante deste museu, talvez eu respondesse de maneira inesperada.

Não são os brinquedos.

Nem os livros.

Nem a casa.

Nem as oficinas.

A coleção mais importante é feita de perguntas.

Perguntas que atravessaram gerações.

Que moveram artesãos, cientistas, artistas, educadores e crianças.

Perguntas que continuam procurando novas mãos.

Que força faz um pião girar?

Como uma pipa conversa com o vento?

O que existe dentro de uma folha de papel?

O que mais existe aqui?

Enquanto essas perguntas continuarem encontrando quem deseje habitá-las, este museu

Durante algum tempo pensei que estivesse inventando um museu.

Hoje vejo que o movimento foi outro.

O museu já existia, disperso em coleções, oficinas, viagens, livros, pesquisas, encontros, fotografias, páginas na internet, cadernos de anotações e conversas que atravessaram décadas.

O que aconteceu foi um lento processo de reconhecimento.

O Museu Vivo não nasceu de uma ideia repentina.

Nasceu quando uma longa trajetória finalmente encontrou uma forma de se reconhecer como museu — e de se apresentar ao mundo.

permanecerá vivo.

Ao abrir as portas desta casa-museu ao público, não espero que alguém saia conhecendo

todos os brinquedos populares do Brasil.

Espero algo mais simples.

Que volte para casa olhando demoradamente uma pedra.

Uma folha.

Uma colher de pau.

Uma caixa esquecida no armário.

Um brinquedo da infância.

Um pedaço de madeira.

Se isso acontecer, talvez descubra que o mundo continua cheio de conversas esperando para serem retomadas.

E talvez compreenda que um museu não termina na porta de saída.

Ele continua existindo na maneira como passamos a olhar para aquilo que sempre esteve ao nosso redor.

EPÍLOGO

A colher de pau

Há muitos anos, na antiga oficina de meu pai, encontrei a embalagem de um alicate Stanley.

Era uma caixa simples, já marcada pelo tempo.

Nela havia uma frase impressa em inglês:

Your fingers of steel.

Seus dedos de aço.

Naquele momento sorri apenas pela engenhosidade da propaganda.

Muito tempo depois compreendi que aquela pequena frase escondia uma ideia muito maior.

Um alicate não substitui a mão.

Apenas prolonga sua força.

Passsei a observar outras invenções da mesma maneira.

A roda prolonga nossos passos.

O barco prolonga nossa travessia.

O telescópio prolonga os olhos.

O microscópio faz o mesmo, na direção oposta.

A escrita prolonga a memória.

Os livros prolongam conversas através dos séculos.

Os brinquedos prolongam perguntas.

Talvez toda criação humana seja, antes de tudo, um prolongamento.

Não inventamos capacidades.

Ampliamos aquelas que já habitam em nós.

Um dia percebi que uma simples colher de pau também pertence a essa família.

À primeira vista ela parece apenas um utensílio de cozinha.

Mas basta segurá-la por alguns instantes para que comece a revelar sua verdadeira dimensão.

A árvore.

As estações do ano.

O tempo de crescimento.

A madeira.

As mãos que a talharam.

As panelas que mexeu.

Os alimentos que ajudou a preparar.

As pessoas que alimentou.

As conversas que atravessaram a mesa.

As receitas transmitidas de geração em geração.

Uma colher de pau nunca mexe apenas uma panela.

Ela mistura tempos.

Mistura afetos.

Mistura memórias.

Talvez seja por isso que alguns objetos permaneçam conosco durante tantos anos.

Não porque sejam raros.

Mas porque aprenderam a guardar gestos.

Comecei este livro lembrando de uma menina que escondia pequenas coleções num guarda-

roupa.

Termino olhando para uma colher de pau.

Entre essas duas imagens passaram-se muitos anos.

Mudaram as casas.

Os objetos.

As pessoas.

As perguntas.

Mas uma coisa permaneceu.

O desejo de compreender um pouco melhor as histórias escondidas dentro das coisas aparentemente comuns.

Hoje penso que esse desejo talvez seja mais importante do que qualquer coleção.

Porque ele transforma o cotidiano.

Depois que aprendemos a olhar, o mundo deixa de ser composto por objetos isolados.

Passa a ser feito de relações.

Vivemos um tempo em que novas ferramentas surgem continuamente.

Cada uma amplia alguma capacidade humana.

Algumas prolongam nossos braços.

Outras nossos olhos.

Outras nossa memória.

Outras ampliam nossa capacidade de calcular, registrar, comunicar ou imaginar.

Nenhuma delas decide quem somos.

Apenas estende o alcance daquilo que levamos até elas.

Talvez por isso a pergunta mais importante nunca tenha sido:

O que uma ferramenta é capaz de fazer?

Mas outra, muito mais antiga:

O que desejamos ampliar através dela?

Se prolongarmos o cuidado, ampliaremos o cuidado.

Se prolongarmos a curiosidade, ampliaremos o conhecimento.

Se prolongarmos a imaginação, inventaremos novos mundos.

Toda ferramenta carrega essa responsabilidade silenciosa.

A resposta nunca pertence a ela.

Pertence sempre às mãos que a utilizam.

Quando abri pela primeira vez um baú de materiais diante de um grupo de crianças, imaginei estar oferecendo madeira, papel, barbantes, sementes e pequenos pedaços de um mundo aparentemente sem valor.

Hoje percebo que oferecia outra coisa.

Um tempo.

Uma possibilidade.

Uma autorização para experimentar.

Ali começavam conversas que muitas vezes continuavam muito depois que a oficina terminava.

Talvez um museu faça exatamente isso.

Não entrega apenas conhecimentos.

Cria condições para que novas perguntas encontrem onde nascer.

Às vezes imagino a porta do Museu Vivo ao final de uma visita.

As pessoas saem em ritmos diferentes.

Algumas caminham em silêncio.

Outras conversam animadamente.

Há quem pare no jardim antes de ir embora.

Quem recolha uma semente caída.

Quem procure um artesanato.

Quem se lembre de um brinquedo esquecido na infância.

Talvez uma criança jogue uma folha seca para o alto apenas para vê-la rodopiar até tocar o chão.

Nesse instante, quase ninguém perceberá.

Mas o museu continuará acontecendo.

Ao olhar para trás, percebo também outra coisa.

As grandes transformações raramente começam por grandes acontecimentos.

Muitas vezes têm origem em um gesto simples: aceitar um convite, participar de uma reunião, responder a um edital, organizar um portfólio, reencontrar um antigo arquivo, decidir abrir uma porta.

Só mais tarde compreendemos que esses pequenos movimentos inauguraram percursos inteiros.

O Museu Vivo do Brinquedo Popular não surgiu de um único projeto.

Foi sendo construído por uma sucessão de pequenos passos que, pouco a pouco, retiraram uma trajetória do âmbito privado e a colocaram em diálogo com o mundo.

Não dentro da casa.

Dentro do olhar.

Às vezes também imagino minha avó.

Meu avô.

Meu pai.

Minha mãe.

Francisca.

Marina.

Os artesãos com quem caminhei.

As crianças que passaram pelas oficinas.

Os autores que ampliaram meu modo de olhar.

Gosto de imaginá-los reunidos, não para celebrar uma obra concluída, mas para reconhecer uma coisa muito mais simples.

Que seus gestos continuaram viagem.

Nenhum deles termina em mim.

Assim como espero que os meus também não terminem.

Talvez seja essa a forma mais bonita de permanência que conheço.

Se, depois de fechar este livro, você voltar para casa e olhar demoradamente uma colher de pau esquecida na gaveta...

Ou uma pedra recolhida numa caminhada.

Ou um brinquedo antigo.

Ou uma folha girando ao vento.

Talvez esta conversa continue.

E, se ela continuar, o Museu Vivo também continuará.

Não apenas nesta casa.

Nem apenas nesta coleção.

Mas em cada lugar onde alguém decidir olhar um pouco mais demoradamente para o mundo.

Porque talvez seja esse o verdadeiro destino de todo museu.

Não guardar objetos.

Mas despertar olhares